

Os interpostos Pessoa na correspondência com Ophélia

Maria Lúcia Dal Farra¹

Abstract: In order to contribute to the study of the bonds between biography and work pertaining to Fernando Pessoa, the text aims to unravel how the literature takes part in the relationship of the founder of Orpheu with Ophelia Queiroz. Two of his heteronyms actively pass it, and a Shakespearean character, born of that particular relationship, he entered the epistolography as another fictional person. Interests also observe how these letters show up in poetry person, at least while engendered biographical echoes.

Key-words: epistolography; heteronyms; biographical work; poetry.

Resumo: No sentido de contribuir para o estudo dos liames entre biografia e obra concernentes a Fernando Pessoa, o texto busca destrinçar a maneira como a literatura participa da relação amorosa do fundador de *Orpheu* com Ophélia Queiroz. Dois de seus heterônimos transitam ativamente nela, e um personagem shakespeariano, nascido desse específico relacionamento, ingressa na epistolografia como uma outra pessoa ficcional. Interessa também observar a maneira como estas cartas aparecem na obra poética de Pessoa, ao menos enquanto engendrados ecos biográficos.

Palavras-chave: epistolografia; heterônimos; obra-biografia; poesia.

Introdução

Quantas pessoas tem Fernando?! Pelo menos setenta e duas, responde de pronto Teresa Rita Lopes. Dentre elas até um brasileiro, um tal de Eduardo Lança, nascido na Bahia e autor de *Impressões de um viajante em Portugal* (LOPES, 2010, p.98). Mas a pergunta, para o caso, é empenhada. Quer saber quantas interpostas pessoas dessa população vertiginosa habitam a relação amorosa de Pessoa com Ophélia Queiroz, esse único caso epistolar de amor do nosso Poeta e fundador do *Orpheu*.

Transcorrido em dois tempos, o namoro se inaugura em novembro de 1919, encerrando a sua primeira fase em dezembro de 1920, a que se segue um interregno de nove anos durante o qual, mesmo separados, os envolvidos conservam um liame de tácita e duradora amizade que, aliás, se estenderá até o falecimento do Poeta. Esse segundo segmento vai de setembro de 1929 a junho de 1931. Portanto, é de se notar que, dos 47 anos vividos pelo nosso simultâneo Pessoa, 16 deles (um terço da sua existência) contaram, nos seus múltiplos horizontes, com a presença amorosa de Ophélia.

1 As cartas

Um total de 50 cartas de Pessoa para ela foi publicado em 1978². Dela para ele há, comprovadamente, 230 cartas, 46 postais, vários pequenos bilhetes e 2 telegramas. Entretanto, pelo menos até 1996, apenas se editaram 110 peças, um pouco menos da metade do

1 Professora Titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Sergipe

2 PESSOA, Fernando. *Cartas de amor de Fernando Pessoa*. Organização, introdução e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento de texto de Maria da Graça Queiroz. Lisboa: Editora Ática; Rio de Janeiro: Livraria Camões, 1978.

montante original, obedecendo a um critério um tanto suspeito e interessado. Isto porque as cartas de Ophélia (publicadas nessa edição) passaram por uma triagem que incluiu tão-só as peças que estampavam comunicação direta com as de Pessoa. As consideradas de teor “repetitivo”, como se dizia ali, não entraram, e muito menos aquelas concernentes a “alguma novidade”, que também ficaram de fora, assim como outras duas que, embora eleitas pela família Pessoa, restaram desaprovadas pela família Queiroz que, por sua vez, também extraiu trechos de outras nove diferentes missivas que constavam dessa publicação³. A edição completa de Richard Zenith, vinda à luz agora em 2013, esclarece, pois, novos lances sobre a biografia do Poeta⁴.

O minguado número de cartas de Pessoa diante do manancial de Ophélia pode se justificar visto que, para ele, “cartas são para as pessoas a quem não interessa mais falar”, visto que se perfariam, antes, como “sinais de separação” e não de aproximação (7)⁵. Numa quadra em que comenta o que, de “obrigação” e de “maldição”, o impelia à compulsão escritural (o que já lhe era fartamente suficiente!), Pessoa admite “ter horror a escrever para qualquer fim útil ou agradável.” Preferia “falar”, visto que isso pressupõe a presença concomitante de um e outro, salvo no “caso infame do telefone, onde há vozes sem caras” (38).

No entanto, é na contramão do que Pessoa asseverava nessa carta de 14 de setembro de 1929, que o “infame” instrumento vai entrar pouco a pouco em vigor no relacionamento, como meio de o Poeta se acercar mais rapidamente de Ophélia. E a pressa se explica porque, a partir daí, o tempo de Pessoa já está começando a findar-se e ele prefere (em lugar de gastá-lo escrevendo bilhetes ou cartas) telefonar para ela para marcar os encontros, na altura já espremidos entre seus compromissos com toda a sua população interna, aplicada em trabalhos literários, filosóficos, esotéricos, jornalísticos, etc.

Depois, como essa prática tem lá suas vantagens, Pessoa resolve encontrar-se com Ophélia... no próprio aparelho! Mas ela, que não abdica da presença física do amante, há de deplorar que o trânsito pelas linhas do aparelho telefônico seja vedado até mesmo aos insetos, no caso, também para ela, visto ser a “Vespa” do Pessoa-“Besoiro-Peçonhento” (59). Por fim, na urgência de produzir mais e mais e de se esgotar, o Poeta acaba por nem escrever, nem telefonar e nem aparecer para Ophélia.

A propósito dessa “Vespa” e do seu respectivo masculino “Besouro”, sublinho que os amantes se tratam por vários nomes mutáveis e humorísticos. Pessoa a avoca na maioria das vezes acionando um dialeto criancês muito íntimo, uma fala muito infantil, em que a palavra “Bebé” sofre inúmeras flexões. Ophélia também é dita por ele um “ente pequeno” e “péssimo” (II), a “Víbora”, a “Fera”, o “Terrível Bébé” que é “bombom”, que é “mel” das abelhas (e não das vespas) (45), nomeações que desembocam, por fim, num apelido agregador de diferentes relevos. Ophélia se torna, afinal, a “Nininha do Nininho do Bébé do Íbis da Vespa do Fernando” (II).

3 *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*. Organização de Manuel Nogueira e Maria da Conceição Azevedo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996. A explicação de Manuela Nogueira (sobrinha-neta do Poeta), na “Apresentação I” (*Opus Cit.*, p.9-18), por não dar à estampa as outras peças, fica insinuada na dedicatória, visto que ali ela se desculpa por invadir a zona privada dessa “vida que, pela genialidade do poeta, se tornou pública”. A mencionada dedicatória encontra-se à p.7.

4 Quanto à edição integral, refiro-me àquela organizada por Richard Zenith, com prefácio de Eduardo Lourenço, e intitulada *Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz – Correspondência Amorosa Completa (1919-1935)*. Rio de Janeiro: Capivara, 2013.

5 A fim de evitar a indicação constante de datas aquando das referidas cartas, tanto as do punho de Pessoa quanto as de Ophélia, registro sempre entre parêntesis e, a seguir à citação, a numeração que a referida peça, para o caso de Ophélia, ganha na edição da Assírio & Alvim, e a numeração que a peça citada de Pessoa ganha na edição da Ática.

Quanto às alcunhas que se destina, este Fernando signatário vai angariar para si, nesta correspondência e com a insigne colaboração do Excelentíssimo Engenheiro Álvaro de Campos (que se imiscui desavergonhadamente nas cartas), uma alongada feira de pejorativos fenomenais. Cito alguns: Pessoa é dito ser um “abjeto e miserável indivíduo”, um “meliante” cujo estado mental o impede de comunicar-se até mesmo “com uma ervilha seca”; é uma “entidade fingidamente humana” (41), um “estafermo” (39), um “cevado”, um “javardo”, um doido de nascença; um sujeito “com expressão geral” de não estar aqui mas “na pia da casa ao lado”; um tipo “com ventas de contador de gás” (45); um indivíduo com “corda de automóvel velho” partida na cabeça; uma “sombra bêbada” (37), de “cara de roda de carro” (75); um sujeito “fechado numa gaveta” (62) ou então, um tipo “disfarçado de mão de vaca”; “de vendedor de cautelas”, com fachada “de carroça por consertar” (II), etc, etc.

Objeto de tais insultos próprios ou heteronímicos (visto que o enxerido Álvaro de Campos é especialista em desmerecê-lo), o camarada Pessoa, autocaracterizado como desponderado e destrambelhado no contexto destas cartas, parece sofrer da mesma doença nervosa que, para o Pessoa estudioso da dramaturgia, explica tanto Shakespeare quanto um personagem dele – por sinal, fantasmagoria crucial na relação amorosa com Ophélia. Refiro-me ao melancólico e (no dizer de Pessoa) “hísteroneurastênico” Hamlet, que perfaz, aliás, a primeira encarnação do nosso Poeta diante da amada. E isso logo no beijo inaugural a 21 de janeiro de 1920 (PESSOA, 1974, p.21-22).⁶

Sendo Pessoa muitos, também na correspondência amorosa, é particularmente sobre o ortônimo, o amante de Ophélia, que recaem ácidos e humorísticos deméritos. De maneira que, tanto na sua versão de animal-avé Íbis, como de Nininho ou de Fernando, não se conhece outro recurso para amenizar suas desordens mentais senão o de o Poeta se encaminhar (abnegado) à posição física e mental que se indica a seguir. Só esta parece lhe aplacar o “juízo a arder”, sempre muito necessitado “de pensos” (75). O remédio, tal como se medica nesta epistolografia, é o de Pessoa postar-se de cabeça pra baixo (como em estado fetal) para descansar o espírito, “esfregando a fisionomia esquisita” no chão ou num balde de gelo ou numa pia ou, na pior das hipóteses, na Garganta do Diabo (com ou sem dentes...). Repare-se que, nesta altura das cartas, também o futuro Aleister Crowley não demora muito a comparecer à cena amorosa.

Tais exercícios terapêuticos para aplacar o desconcerto do nosso Poeta parecem, no contexto das cartas amorosas, rituais de purificação pela água. Consistiriam eles em banho lustral ou em sacrifício dionisíaco?

Para tal derradeiro sacrifício, o Abel Pereira da Fonseca há de certamente cooperar, visto que até vai expor o nosso Poeta ao “flagrante delito”. O fato é que este sujeito, assim desconsiderado e muitas vezes desesperado, cogita em momentos pontuais de se internar no Telhal ou no Rilhafoles, como o confessa a Ophélia. No entanto, é num quarto em Cascais que ele resolverá se confinar; mas já aí com um fito bem claro: o de cumprir o seu destino, a sua obra, a sua tarefa sobrehumana (46). E é então que o caso amoroso se arremata de vez, pois que Ophélia, já enlouquecida de tanto aguardar em vão notícias dele, vai ser de fato deixada ao largo.

6 Menciono: “Ensaio sobre o drama”, “Shakespeare”, “Shakespeare e Leonardo da Vinci”, constantes em: Fernando Pessoa, *Obra em prosa em um volume*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1974, respectivamente p.277-282; p.310-317; p.486-487. Também não esquecer que o próprio Pessoa, na célebre carta a Adolfo Casais Monteiro em 13 de janeiro de 1935, em que explica a origem dos heterônimos, indica a sua hísteroneurastenia para a esclarecer. PESSOA, Fernando – *Obra Poética: volume único*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1998, p. 753-756.

Isso que pode ser lido, portanto, como uma tragédia da inteligência prevalecendo sobre a experiência amorosa, explica, já nos últimos tempos, a magrém de Ophélia, a insônia, as rezas e promessas, os maus pressentimentos, os devaneios sobre o inacessível lar, as táticas de enlaçar Pessoa no carinho, os sobressaltos sobre a saúde dele, a “quase sentença de morte” e (sobretudo) as suas derradeiras alucinações nervosas. A partir de um certo momento, em escura solidão, Ophélia passa a brincar desvairadamente *de casinha* com um Pessoa-menino (o da foto de quarenta anos atrás), pondo-o a dormir, velando-o no bercinho, sentando-o na “cadeirinha”, agasalhando-o do frio (88)! Diversamente do primeiro rompimento, quando ela o acusara de machismo e de impostura, já agora, no fim, Ophélia aceita até que o amado a carregue para alguma casa, sem mesmo passar pela igreja – contanto que fiquem juntos!

No nível das aparências, entretanto, é a ação insidiosa de Álvaro de Campos junto a Pessoa e a Ophélia, que começara discreta em aparições-relâmpago (apenas com a presença de suas iniciais entre parêntesis no contexto das cartas) que será a responsável pela separação dos amantes. Álvaro de Campos vai minando e solapando a relação de ambos, num verdadeiro trabalho de sapa.

O Engenheiro atua ali como colaborador de Pessoa e, ambigualmente, tanto como autorizado tranquilizador do casal, quanto como seu crítico mordaz – e até mesmo como signatário de carta. Na derradeira etapa, então, seu papel é mais acerbo, porque (de blague em blague) acaba interferindo como censor, e, acima de tudo, manifestando-se mesmo como... tutor de Pessoa! Sua ousadia chega a ponto de confiscar do Poeta “papel, caneta, aparo e tinta” (70), impedindo-o de escrever a Ophélia, muito embora depois (mas já de balde, pois que o Poeta embarcara definitivamente no seu projeto sobrenatural) lhe franqueie a correspondência.

Como “um incubo”, no dizer de David Mourão-Ferreira (1978, p.213), incrustado entre o casal, numa relação a três, Álvaro de Campos era justo aquele que Pessoa talhara para o homossexual do grupo heteronímico (cf. SENA, 1978, p.37). Anoto que foi em 1921 (no transcurso do primeiro tempo deste namoro), que Pessoa, refundindo dois longos trabalhos escritos em 1913 e 1915 – o *Ephitalamium* e o *Antinous* – os publica nos seus *English Poems*. À luz desta correspondência, os poemas se dão a conhecer melhor. São ambos poemas do amor erótico: um, do amor à romana e à Ophélia “noiva”; e, outro, do amor à grega e à Campos.

Ophélia logo se apercebe do perigo que Álvaro de Campos representa, e ao longo da correspondência ela termina por conjugar num único pavor as duas ameaças que pairam sobre o seu namoro: Abel (o topônimo do estado ébrio e do “flagrante delitro”) e o “mau amigo” que é Campos. A dupla nociva a ser evitada está sempre em suas cartas, ambos indesejáveis como uma filipa de banana. Compõem um só pesadelo a fabricar os doídos vaticínios e os sonhos maléficos da apaixonada, que são sempre uma mistura de gatos, mar, ratos e sapatos que, para a supersticiosa Ophélia, se traduzem em traição, lágrimas, inimigos ocultos, viagem e, o que é pior – em despedida⁷.

7 Dentre os sonhos, há dois muito impressionantes. O de 6 de março de 1930 (94), que ela narra com riqueza de detalhes e é muito alongado, consiste numa troca simbólica do “vinho” pelos “jinhos” (beijinhos), ou seja, de Abel por ela. Num anterior, de 31 de outubro de 1929 (71), ela se encontra vestida de noiva e se dirige para a igreja quando, de súbito, se dá conta de que se esquecerá de comprar suas luvas; fica, então, aguardando indefinidamente que alguém as vá buscar para que a cerimônia prossiga. Também numa carta de 1 de novembro de 1929, há uma cena que comove: de madrugada, sem dormir, ela permanece hipnotizada, da janela da sua casa, assistindo uma a uma as chamas de um incêndio, durante toda a madrugada, como se estivesse contemplando, numa impotência de autômata ou de zumbi, à destruição da sua vida (72).

Em carta de 4 de maio de 1930, ela, então sem recursos para concorrer com Abel, futura: “Estrague-se Nininho, depois quando quiser remediar o mal já não pode!” (100). É patético que em setembro de 1930, enquanto Pessoa se aventura com Crowley nas sexualizadas águas da tal Garganta do Diabo (e, provavelmente em rituais não apenas esotéricos com a mulher que acompanha o Mago, a Miss Jaeger)⁸, Ophélia lhe escreva devaneando sobre os já agora antigos tecidos do enxoval e sobre os “vestidinhos para o menino pequenino” que, quase num delírio nervoso, põe nos braços a ninar (103).

Em contrapartida, A. A. Crosse é um aliado da união que ela almeja com Pessoa – e isso desde 22 de março de 1920. Ophélia tem boas razões para tal, visto que é por meio desse heterônimo inglês, charadista e cruzadista, cativo concorrente a prêmios de concursos dum jornal inglês, que Pessoa insinua a possível formalização do enlace com ela. Cross poderia ganhar o concurso e, assim, ajudar a subsidiar-lhes a vida prática.

Mas tudo se converte, depois, em pura loteria, já que o futuro fica adiado na dependência dos acertos desse senhor que, dentre os vinte mil participantes do tal jornal, não parece sair do seu décimo segundo lugar. Daí por diante, Ophélia, assoberbada de infortúnios, há de pedir a Pessoa insistentes notícias do decifrador de enigmas, que sumira, rezando para que ele atine com as charadas, invocando-lhe a proteção divina. Aliás, ela o julga tão onipotente que a Cross se dirige como a um santo protetor, alçado a mesma categoria dos seus especiais São José e Santo António.

De maneira que Ophélia, enquanto pede distância do Álvaro de Campos, solicita cada vez mais os préstimos do inglês, e isso até o momento em que ele cederá seu lugar na epistolografia a “Íbis”.

Ora, este título diz tanto respeito a Pessoa quanto a Ophélia, pois que os amantes se chamam mutuamente usando esse mesmo nome. Substituindo o Sr. Crosse pelo Íbis, é como se a união dos amantes, acenada pelo inglês, ficasse cumprida ao menos na figura simbólica (e hermafrodita) que funde os dois amantes num só.

No que concerne ao conteúdo amoroso da epistolografia, ele é extremamente fogo. Através dela, os mitos do “virgem negra” cesarinyano e da “sexualidade branca” imputada a Pessoa por alguns dos seus estudiosos – caem por terra. Não só pelas cartas dele, mas sobretudo pelas abundantes cartas de Ophélia, pode-se vislumbrar a temperatura sensual dos encontros do casal, as pitadas eróticas de parte a parte, a linguagem cifrada da excitação sexual, o namoro íntimo engendrado em léguas de transporte coletivo: por elétrico, por comboio ou por carro.

Comprova tal sofreguidão, o investimento pessoano nas pernas maratônicas da primeira e movimentadíssima quadra com Ophélia, quando esta (que morava com a irmã e se deslocava semanalmente para a casa dos pais) se transfere de um para outro emprego por quatro vezes, em tempos de greve de transportes e de correio. Isso, sem referir as incontáveis peregrinações que Pessoa, em inquietação peripatética, executa sob a janela dela, apenas para enviar-lhe beijinhos ou para fazer caretas:

Além da cortina é o lar,
Além da janela o sonho (PESSOA, 2001, p.154-155)

– escreve o ortônimo no dia de Natal de 1930⁹.

8 Em “O falso virgem”, Teresa Rita Lopes declara não resistir a “acrescentar que esta mulher lhe enviou cartas de grande intimidade, o que me leva a crer que Pessoa participou de alguma maneira nos rituais satânicos, mágico-sexuais, que ela realizou com Crowley durante a estadia em Lisboa” (LOPES, 2008, p.62).

9 Trata-se do poema “Por trás daquela janela”. PESSOA. *Opus.Cit. Cancioneiro*, 1998, p. 154.

Inaugura a segunda fase do namoro uma dessas alongadas incursões feitas em coletivo público – por duas vezes do Rocio a Estrela. E Pessoa, que a denomina “transatlântica”, teria preferido que a viagem fosse “transvidiana” – convite que ele estende para a próxima vez, quando tomassem, então, “por engano o carro do Lumiar ou do Poço do Bispo (35 minutos)”, de maneira a haver “mais tempo para estarmos encontrando-nos ao acaso” (38).

Esta carta citada é a segunda do reatamento. Na primeira, ele já lhe dirigira um piropo sensual, despertando-lhe a “boca doce”, termo que circulará na correspondência, sempre como ocorre com quaisquer menções eróticas – e que vai acumulando novas gradações semânticas ou atualizando outras matizes antigas. Para o caso, a “boca doce” remete ao “bombom” constante de umas quadras que ele enviara a Ophélia no início do relacionamento, e aos beijos, “baisers”, beijinhos e “jinhos” (estes praticadíssimos!) e, sobretudo, ao longo beijo emblemático da dita cena hamletiana. Eis como Ophélia a descreve: fim de tarde, no escritório em que ambos trabalham, faltara a luz. Estavam sozinhos. Ela punha o casaco se aprontando para sair quando ele, sentando-se na cadeira dela,

pousou o candeeiro que trazia na mão e, virado para mim, começou de repente a declarar-se, **como Hamlet se declarou a Ophélia**: *Oh, querida Ofélia! Meço mal os meus versos; careço de arte para medir os meus suspiros; mas amo-te em extremo. Oh! até do último extremo, acredita!* (QUEIROZ, 1978, p.21-22)

E, de repente, sem que ela esperasse, Fernando “agarrou-me pela cintura, abraçou-me e, sem dizer uma palavra, beijou-me, beijou-me, apaixonadamente, como louco¹⁰ (QUEIROZ, 1978, p.21-22).

Esta íntima cena da *Hamlet*, traduzida dessa forma por Pessoa e adaptada por Ophélia durante a sua longa vida (e ela a rememora na entrevista), vai ser patenteada entre eles, na correspondência, como a “cena de representação do Hamlet” (9). Como tal, será comemorada com constância, quanto mais não seja, quando um quer advertir o outro acerca do “jejum de jinhos” que constrange os amantes¹¹

E a temperatura salpicada de travessuras eróticas é constante. Em setembro de 1929, Ophélia comenta ardente, a propósito da “boca doce”, que o “bigode do Íbis faz cócegas na boca da Íbis” (78). Pessoa quer beijá-la “com exatidão e gulodice e comer-lhe a boca e comer os beijinhos que tivesse lá escondidos” e encostar-se ao seu ombro “e escorregar para a ternura dos pombinhos, e pedir-lhe desculpa, e a desculpa ser a fingir, e tornar muitas vezes, ao ponto final até recomeçar” (45). Assim, não é à toa que, da parte de Ophélia, os “pombinhos” mandam sempre saudades e “jinhos”, enquanto Pessoa confessa sentir falta da “caça aos pombos” (13) e de uma inesquecível geografia amorosa: a da viagem a Pombal e à Índia (40) – marcos eróticos cifrados.

10 Relato da Exma. Senhora Dona Ophélia Queiroz, destinatária das *Cartas de Fernando Pessoa*, recolhidas e estruturadas por sua sobrinha-neta Maria da Graça Queiroz. In PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa*. Organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento de texto de Maria da Graça Queiroz. Lisboa: Editora Ática; Rio de Janeiro: Livraria Camões, 1978, p.11-44.

11 Lembro que a passagem “representada” por Pessoa diante de Ophélia se localiza na fala de Polônio, quando relata e lê à Rainha e ao Rei trechos de cartas de Hamlet para Ophélia. O original diz assim:

O deere Ophelia, I am ill at these Numbers: I haue not Art to reckon my grones; but that I loue thee best, oh most Best beleuee it. Adieu.

Transcrevo o trecho em pauta a partir da tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes: “Ó querida Ofélia, não sei fazer versos; não possuo arte para escrever meus gemidos; mas que eu te amo, que eu te adoro, não tenhas dúvida! Adeus”. SHAKESPEARE, *Opus. Cit.* 1969, p.556. O trecho final da “versão” pessoana segue a tonalidade um tanto marota que presidiu, por muitas vezes, as investidas amorosas do nosso Poeta.

Segundo ele, Ophélia possui um “corpinho de tentação”. Ela é o “bebê” do Fernando para “sentar ao colo” e para “dar dentadas” (13); é a sua “boneca” para despir; é a sua “almofadinha cor-de-rosa para pregar beijos” (7) – muito embora Ophélia reclame que a almofadinha, ultimamente, não tem apanhado os devidos “alfinetes”...

Eis como transcorre essa quente cumplicidade que, passando por uma sofisticada “sopa de jinhos” (76) e por um detalhado “menu” (também de “jinhos”) (102), inclui ainda, da parte de Pessoa, “um beijo só durando todo o tempo que ainda o mundo tem que durar” (13)!

Toda esta exaltação física endossa a hipótese de Teresa Rita Lopes de que Pessoa pode ter-se convencido de que Ophélia seria, afinal, a tal aguardada “Olga” ditada pelos espíritos mediúnicos, ou seja, “a mulher que faria dele um homem”. E que ele, “ao transmitir a mensagem, teria errado algumas letras do nome assim como a data do previsto encontro” (LOPES, 2008, p.62), só se dando conta disso quando conhece a amante.

De resto, esse nome de forte travo shakespeariano lhe fez deveras espécie, haja vista a adaptada cena hamletiana, e uma vez que se sabe, pelas cartas, que, de todos, apenas Pessoa fazia questão de grafar o nome dela com *ph* (22) – como no original shakespeariano.

Creio que essa tragédia shakespeariana, tão cara aos amantes, não passa apenas ao largo do casal e não funciona apenas como metáfora dos desejos literários do amante apaixonado e grande admirador do clássico inglês. Se, sob o prisma dessa tragédia, observarmos a correspondência, veremos que o elemento líquido, em que Ophélia, tal como uma “ondina”, se afunda (e em Shakespeare, a cena de afogamento da heroína homônima o cataliza), está em toda a parte na epistolografia: nos terríveis sonhos que ela relata, no mar em que ela pretende fazer naufragar Álvaro de Campos, na profissão naval do dito Engenheiro, nas diferentes pias (com água ou com gelo) em que o amado tem de mergulhar a desnorteada cabeça para melhorar o juízo, e, enfim, na própria Garganta do Diabo.

Há também nestas cartas, e logo na abertura, um bizarro litígio entre os amantes. A mensagem que se retira dele parece ser da mesma tessitura daquela admoestação de Laertes à irmã (na cena de sua partida para Paris). De maneira que, se tivesse sido possível à nossa Ophélia portuguesa ouvi-la, poderia ter compreendido, por antecipação, as incontornáveis diferenças entre ela e Pessoa que, aliás, decretarão depois a separação dos amantes.¹² No entanto, na epistolografia amorosa, esse será o motivo que irá prolongar a clandestinidade dos namorados, postergando, *ad calendas graecas*, a oficialização do namoro.

O litígio é o seguinte. Ophélia foi beijada (prematuramente) por Pessoa e, como ciosa menina burguesa, quer conhecer as intenções dele a seu respeito e lhe pergunta quais são. Acontece que ele, sempre dúbio, humilhado com a pergunta e sobressaltado com o despropósito, dirige-lhe uma carta que, travestida de “requerimento de advogado” (até com assinatura reconhecida por tabelião), lembra-a que o amor “não trata os outros como réus que é preciso *entalar*” (1).

12 No original shakespeariano, Laertes adverte a irmã. Ela deve temer, de Hamlet, “considerando sua grandeza, **que não possa dispor da própria vontade**, pois está sujeito ao próprio nascimento e não lhe é permitido, como às pessoas de humilde categoria, agir por si mesmo, pois de sua escolha dependem a segurança e a saúde de todo este reino e, portanto, a escolha que fizer deve ser circunscrita à voz e assentimento daquele corpo do qual é a cabeça”. SHAKESPEARE, *Opus Cit.* 1969, p.543. No caso de Pessoa, não se trata exatamente de diferenças de classe, muito embora, como se verá, a questão do desnível social entre a educação “inglesa” e a “portuguesa” também compareça. Mas o problema crucial será, como em Hamlet, de obediência a um Destino e a Forças que o controlam à própria mercê, independentemente de sua vontade. Hamlet, responsável por sua linhagem nobre, se vê obrigado a seguir às sigilosas determinações do Espectro, enquanto Pessoa, mercê da sua superioridade artística (e do seu destino iniciático), se verá constringido a guiar-se por outros propósitos.

Ora, isso só faz acirrar as estratégias de Ophélia que, de argúcia em argúcia, pensa que há de obter de Fernando a frequência à casa dos seus pais. Assim, ela vai metendo de permeio, para lhe despertar ciúmes, a invenção de um tal rapaz perseguidor; depois, semeia, de tempos em tempos, reparos da irmã e da mãe a respeito do comportamento do casal, e vai com astúcia polvilhando pelas cartas queixas que adensa com insinuações eróticas, com devaneios apaixonados, com um pouco de tudo. E isso tem um só fito: comprometê-lo como seu noivo.

No entanto, Pessoa, extremamente perspicaz, não cede, e por último invoca-lhe o argumento de que a sua “educação estrangeira” (20) não lhe permite tal aproximação com a família dela. Ao que Ophélia, muito hábil, assacando o comentário da família e da sociedade em que vive, alega que “não é bonito eu andar sozinha contigo porque é muito censurado devido ao *uso da terra* não ser esse” (23).

Logo se vê que se arma então uma controvérsia, uma contenda “internacional” entre diferentes costumes. O fato é Pessoa jamais porá os pés na casa de Ophélia senão para visitar, ao final do relacionamento, o sobrinho dela e amigo seu, o poeta Carlos Queiroz.

Conclusões finais

Espécie de digno Laertes sem necessidade de fazer justiça, o poeta-sobrinho está, para o caso, mais para Horácio, pois que, como artista, partilha com Pessoa da mesma fidelidade aos clamores do Espectro¹³. Estes que, em Pessoa, consistem na obediência a uma outra ordem de coisas, a “outras Leis”, a “outros Mestres” – razão por que, afinal, os amantes haverão de se separar.

E eis como tudo fina. Já no término da fase inicial, Pessoa advogava que ela tinha, de fato, toda a razão, embora “a culpa mal tem sido minha: tem sido daquele Destino que acaba de me condenar o cérebro” – essa “onda negra que me está caindo sobre o espírito” (35). Todavia, é a derradeira carta do relacionamento que delucida com clareza a aproximação da epistolografia (e de Pessoa) com Hamlet e com o Espectro.

Nela, o Poeta assegura que “o meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam” (36). Não levar em conta tal necessidade sua seria, da parte dela, “tratar-me como se eu fosse outra pessoa”, “exigir-me que tenha olhos azuis e cabelo louro” (43). Num eco a tal clamor do amante, dirá o ortônimo num poema da época: “Não me sonhem nem me outrem!”¹⁴

Creio, pois, que esta tragédia da obediência, da destruição para a sacralização, do sa-

13 Clamores que, no caso de Pessoa, como já indiquei, são de ordem literária e também transcendental, visto que, como Iniciado, ele deve cumprir as lições de seus Mestres. Evitei incluir aqui, por extrapolar a dimensão “ficcional” deste relacionamento, que a morte do pai de Pessoa, quando ele contava 5 anos, e o aparecimento daquele “senhor de grandes bigodes” que, dois anos depois, casa-se com a sua mãe e os conduz a um exílio distante – devem ter sido fatos decisivos para o nosso Poeta. Nesta hipótese, a figura do Espectro hamletiano tenderia a adquirir, talvez, uma compleição mais emocionalmente palpável.

14 Trata-se do poema de 26 de agosto de 1930. PESSOA, F. *Novas poesias inéditas. Obra poética: volume único. Opus Cit.* 1998, p.685-686. Neste, também se lê:

Tenho pena e não respondo.

Mas não tenho culpa enfim

De que em mim não correspondo

Ao outro que amaste em mim.

crifício do Eleito, das imprevisíveis formulações de um multiplicado duplo, da demência enquanto estratégia de averiguação do que nos escapa – não é nem um pouco estranha a Pessoa e muito menos a Hamlet¹⁵.

Teria sido Hamlet mais uma das investidas de Pessoa? Tal como a personagem trágica de Shakespeare, o ortônimo do XIII dos *Passos da Cruz* também anuncia:

Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções do além¹⁶. (PESSOA, 1998, p.128)

Referências

- BERARDINELLI, Cleonice. Beijos, beijinhos, um regimento de beijinhos. *Fernando Pessoa: outra vez te revejo...* Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2004. p. 429-435
- LOPES, Teresa Rita. Biografar Pessoa, *Pessoa. Revista de Idéias*, s/v. s/n. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, p.92-103, 2010.
- LOPES, Teresa Rita. O falso virgem. *Egoísta*, s/v. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, número especial, p.60-64, junho 2008.
- LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por conhecer*. Lisboa: Estampa, 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. *Pessoa revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*. Lisboa: Gradiva, 2000.
- PESSOA, Fernando. *Cartas de amor de Fernando Pessoa*. Organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento de texto de Maria da Graça Queiroz. Lisboa: Editora Ática; Rio de Janeiro: Livraria Camões, 1978.
- PESSOA, Fernando. *Novas poesias inéditas. Obra poética*: volume único. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1998, p. 669-724.
- PESSOA, Fernando. *Obra em prosa em um volume*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1974.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*: volume único. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1998.
- PESSOA, Fernando & QUEIROZ, Ofélia. *Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz – Correspondência Amorosa Completa (1919-1935)*. Organização e notas de Richard Zenith. Prefácio de Eduardo Lourenço. Rio de Janeiro: Capivara, 2013.
- QUEIROZ, Ophélia. O Fernando e eu. PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa*. Organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento de texto de Maria da Graça Queiroz. Lisboa: Editora Ática; Rio de Janeiro: Livraria Camões, 1978, p.11-44.

15 A propósito de uma outra inquietação que aqui cabe, a da dissolução da pessoa, pergunto: não seria por acaso esta um dos ditames dessa mesma liturgia shakespeariana?! Reparo que Ophélia comentara com o seu Bebê, numa carta de 6 de abril de 1920, que “aquele sujeito que nós conhecemos[,] muito mau, muito feio, e muito rabino, que se chama Fernando ou seja *pompom* [-] não é [o] que tu chamavas Sr. Fernando Pessoa? Desse é que eu não gosto nada, mas mesmo nada... tenho-lhe um... ódio... cego, não [o] vejo senão nos meus sonhos [-](na realidade **nunca o vejo**)” (17). E ela, que era versada em francês, e que certamente conhecia muito bem esse ser ausente a quem se referia, subscritora o envelope dessa carta em que tece tais questões a Pessoa – a um certo “Monsieur Ferdinand **Personne**”!

16 Trata-se do XIII poema dos “Passos da Cruz”, pertencente ao *Cancioneiro*. In PESSOA, *Obra poética: volume único. Opus Cit*, 1998, p. 128.

MOURÃO-FERREIRA, David. Estas “cartas de amor” de Fernando Pessoa. PESSOA, Fernando. *Cartas de amor de Fernando Pessoa*. Organização, introdução e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento de texto de Maria da Graça Queiroz. Lisboa: Editora Ática; Rio de Janeiro: Livraria Camões, 1978, p. 177-222.

QUEIROZ, Ophélia. *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*. Organização e notas de Manuela Nogueira e Maria da Conceição Azevedo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

SENA, Jorge de. Fernando Pessoa: The man who was not. *Persona* n. 2. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, 1978. p. 27-41.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet, Príncipe da Dinamarca. Obra Completa*. Tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Vol. I. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1969, p.379-619.

SIMÕES, João Gaspar. Fernando Pessoa ou As vozes da inocência. *O mistério da poesia: ensaios de interpretação da génese poética*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931, p. 79-98.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa. História de uma geração*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.